

Entrevista com Jan Gladki: “O biocarvão tenta imitar o solo amazônico”

GONÇALVES, Kátia. “Entrevista com Jan Gladki: ‘O biocarvão tenta imitar o solo amazônico’”. *O Globo*. Rio de Janeiro, 11 de abril de 2017.

Jan Gladki: 'O biocarvão tenta imitar o solo amazônico'

“Sou polonês e tenho formação em Engenharia Ambiental e especialização em energia. Há 40 anos, trabalho nessa área, e há 25 anos possuo a minha própria empresa, a Fluid S.A. É uma grande companhia, que está presente na Bolsa de Valores. Basicamente, trabalho com tecnologias inovadoras.”

Conte algo que não sei.

É possível transformar resíduos que seriam descartados e iriam se decompor em energia limpa e barata. Nós, por exemplo, fabricamos um produto que se chama biochar, que pode ser usado na agricultura como potencializador do solo. Toda a inspiração para isso veio do Brasil, há cerca de dez anos.

Na Europa, como é o funcionamento do projeto de desenvolvimento de energia limpa através do biocarvão?

O interesse pelo biocarvão surgiu do descobrimento, na Amazônia, da “terra preta”, um solo mais fértil que o comum. O biocarvão nada mais é que uma tentativa de imitar as propriedades desse solo amazônico. Começamos a coletar os resíduos da biomassa e desenvolvemos uma tecnologia para carbonizar isso. Resumidamente, depois de um processo complexo, obtemos como produto final o biocarvão, com propriedades que imitam a composição da tal “terra preta”.

O Brasil e, principalmente, o Rio de Janeiro, passam por uma grave crise, em parte por conta da dependência do petróleo. Como vê a busca por fontes alternativas de energia?

Não é somente o Brasil que é dependente do petróleo. Vários outros países estão na mesma posição. Não é possível continuar com essa dependência tão grande de fontes que são finitas. O mundo precisa olhar a natureza em busca de alternativas.

Como está o Brasil nesse contexto?

Estou aqui há pouco tempo, mas já percebi que é comum o descarte de resíduos que poderiam ser transformados em biomassa. Na Polônia, por exemplo, onde levamos a sério o conceito de desenvolvimento sustentável, quase todo o material que é recolhido nas ruas é reaproveitado e vira biomassa.

Em termos práticos, qual o impacto desse conceito na vida das pessoas?

Falo por mim: crio empregos através da biomassa. Não só a usina, mas toda a infraestrutura desse negócio gera oportunidades. E há, ainda, o baixo custo da energia, o que impacta diretamente no bolso das pessoas. Voltando ao exemplo da Polônia, onde o carvão comum sempre foi a fonte principal de energia: graças ao biocarvão, hoje produzimos menos gases do efeito estufa. Ou seja: essa tecnologia também está contribuindo para a proteção do meio ambiente.

Quais as vantagens do seu projeto em relação às fontes de energia convencionais?

Eu posso fornecer essa informação com dados da minha experiência na Indonésia: por exemplo, em relação à energia solar, o retorno financeiro do biocarvão ocorre na metade do tempo, e proporciona uma redução de 60% nos custos. Dependendo da quantidade de biomassa disponível, esse retorno pode vir de cinco a seis anos, enquanto a energia solar fornece resultados de dez a 12 anos após sua implementação. Outro aspecto vantajoso é que a usina que utiliza a minha metodologia funciona 24 horas por dia, enquanto a solar opera por apenas dez horas.

Em que outros países o biocarvão está presente?

Principalmente na Ásia, mas já há experimentos em outros países da Europa, como na Holanda e na Alemanha.

O polonês Jan Gladki tem formação em Engenharia Ambiental e especialização em energia. Há 40 anos, trabalha nessa área, e há 25 possui a empresa, a Fluid S.A.